

Originalmente para: (2006). *Solta Palavra – Boletim do CRILIJ (Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e Juventude)*, n.º 9-10, pp. 14-17.

O Capuchinho Cinzento, de Matilde Rosa Araújo: uma «história de claros segredos»¹

Sara Reis da Silva

RESUMO

Centrando-se numa das mais recentes obras de Matilde Rosa Araújo, *O Capuchinho Cinzento*, este breve estudo propõe um percurso de leitura deste poema em prosa, texto marcadamente emotivo em que se cruzam, com subtileza, fios intertextuais anunciados pelo título e corroborados pela própria componente pictórica. A análise proposta convida à revisitação de algumas das linhas ideotemáticas e dos sentidos simbólicos mais recorrentes na produção literária desta autora.

*Não te assustes e aprende a escutar
O vento que vai
O vento que vem
Verdes folhas e sua fala.
(Araújo, 1999: 17)*

O Capuchinho Cinzento é uma das últimas obras publicadas por Matilde Rosa Araújo² e, nesta, reencontramo-nos com alguns dos sentidos e dos elementos simbólicos recorrentes na escrita desta autora maior da Literatura Portuguesa de potencial recepção infantil.

Num registo que, como generosamente nos tem habituado, se identifica com uma «toada encantatória» (Gomes, 1991: 34), que nos deixa «presos por vontade», Matilde Rosa Araújo faz-nos conviver, revivendo inevitavelmente alguns dos seus textos, com um conjunto de elementos agora aqui emotivamente revisitados. Em *O Capuchinho Cinzento*, como em «Maria Sapeca» de *O Gato Dourado* (1977), celebra-se a comunhão com a Mãe-Natureza, como em «A Noite», de *Mistérios* (1988), pressente-se a sombra do medo, como em «Olaria» de *A Guitarra da Boneca* (1983), envolve-nos uma indisfarçável melancolia, como em *O Livro da Tila* (1957), sugere-se o imaginário infantil, como em «O passarinho viúvo» de *O Gato Dourado* (1977), antevê-se um percurso fenecente, como em *História de um Rapaz* (1986) ou em muitos outros textos protagonizados por figuras infantis,

¹ Uma primeira versão deste breve ensaio encontra-se disponível na edição de 10 de Dezembro de 2005 do jornal *O Ilhavoense*.

² Assinale-se a publicação, posterior a *O Capuchinho Cinzento* (Março de 2005), de *Anjos de Pijama* (Maio de 2005, Texto Editora), colectânea poética em que podemos apreciar, à semelhança do que ocorre, por exemplo, em *O Gato Dourado* (1977, Livros Horizonte) ou em *Segredos e Brinquedos* (1999, Caminho), as «artes-irmãs» de Matilde Rosa Araújo e Maria Keil.

sugere-se a angústia da solidão e, como nos poemas «O tempo no jardim» de *Mistérios* (1988) ou «Minha bengala fininha» de *Segredos e Brinquedos* (1999), esboça-se, ainda, a passagem do tempo e os binómios infância/velhice e passado/presente, veios ideotemáticos que se estruturam expressivamente a partir de vocábulos ou expressões-símbolo como os «pássaros de cristal», a lua ou as estrelas.

O Capuchinho Cinzento, marco incontornável no percurso literário de Matilde Rosa Araújo, é uma obra *sui generis*, na medida em que, do ponto de vista genológico, se inscreve no domínio do poema em prosa³, uma estratégia de construção literária relativamente rara na escrita destinada aos mais novos. O apurado discurso literário do texto em análise, pautando-se pelo tom apelativo de índole intimista, pelo esquema dialógico (aliás, muito comum na sua poesia), pelo forte sensorialismo, que faz sobressair a visão e a audição, e pela estruturação reiterativa, por vezes, até cadenciada – por exemplo, pelas formas verbais, pelas apóstrofes e pelas anáforas repetidas –, situa o leitor num espaço em que se mesclam o real e o onírico, o passado e o presente, a infância e a velhice, a serenidade ingénua e a angústia consciente face à certeza de que, como a imparável água que corre da fonte e que não adianta «prender no cantarinho de barro» (Araújo, 2005: 30), também o tempo e a vida não têm retorno, isotopia que consideramos essencial nos textos da autora de *O Palhaço Verde* (1962). A prosa poética de *O Capuchinho Cinzento* revela, uma vez mais, uma autora «com a infância no coração e tanta memória com ela encontrada» (Araújo, 2006: 44), seduzindo ainda o destinatário pelas sensíveis metáforas e comparações que aí jogam um papel fundamental: «Bate em silêncio o coração do bosque. / Só o dedal brilha no dedo do Capuchinho Cinzento, mágico e brilhante como a lágrima de uma estrela. [...] / – Passaritos de Cristal, / digam-me se sou eu que estou a sonhar, ou se é o Capuchinho Cinzento que sonha. [...] Ou é a lua que dançou no céu? / [...] Ou é a música da água dentro da cantarinha? Ou são as flores que o Sol veio despertar? Ou é a magia do dedal? [...]» (Araújo, 2005: 34 e 46).

De facto, na obra *O Capuchinho Cinzento*, pela voz de uma narradora⁴, que parece identificar-se com a figura do Capuchinho Cinzento e que, ao longo do texto, procurando compreender uma história que pode ser, afinal, a sua própria história, interage com a personagem colectiva «passaritos de cristal»⁵, propõe-se uma reflexão profunda sobre a condição humana e sobre a transitoriedade da vida, um quadro semântico que, em nosso entender, talvez não seja facilmente apreendido pelo destinatário inscrito na dedicatória «Para todas as crianças, com ternura imensa...», mas que confirma a ideia de que este é um texto que possibilita níveis de leitura distintos, decorrentes da multiplicidade semântica que o caracteriza.

A memória ou o «caixote de lembranças» (Martins, 2004: 6), como gosta de a designar a poetisa, a memória, dizíamos, que promove a fusão entre o passado e o presente, surge, ainda, fortemente testemunhada no diálogo que com o texto clássico se percebe. A evocação metaliterária é avançada desde o início, quer na capa e contracapa, quer no próprio título, que instaura, à partida, a diferença reelaborativa, do ponto de vista das implicações simbólicas⁶, pela

³ Sobre esta forma breve, vide FERREIRA, António Manuel (dir.) (2005). *Forma Breve (Revista de Literatura)*, nº 2. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro.

⁴ O sujeito de enunciação é feminino, como se pode comprovar através de expressões como: «Estou aflita a contar esta história» (Araújo, 2005: 21) e «eu própria estou a escrever aqui na minha mesa...» (idem, *ibidem*: 31).

⁵ Figura colectiva central também em «A Romã», poema de *As Fadas Verdes* (1994).

⁶ As valências simbólicas deste texto passam – e sem querer esgotar este assunto – pelas referências aos passaritos de cristal, a representarem o voo libertador, sábio ou transparente, a espiritualidade e a sublimação (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 100 e 241), à água e à fonte, enquanto sinónimos de vida e de perpétua regeneração (idem, *ibidem*: 334), e ao próprio dedal ou ao acto de coser – os fios do tempo – que nos faz pensar, por exemplo, nas três Parcas, as divindades romanas que teciam o Destino.

substituição da cor vermelha pela cinzenta⁷, tonalidade que indicia uma certa melancolia e, como a própria cinza, não só o luto e o que resta, depois de extinto o fogo (talvez vermelho), mas também a «esperança em uma nova vida» (Biedermann, 1994: 95). De igual modo, as sucessivas alusões intratextuais e pictóricas à história do «capuchinho vermelho / da menina que levava uma merendinha à avó / e encontrou o lobo mau!» (Araújo, 2005: 12) acordam no leitor desta renovada narrativa que é, agora, a da Velha do Capuchinho Cinzento, esse conto incontornável da experiência literária colectiva, bem como do espaço da infância guardado na memória pessoal de muitos adultos, como, aliás, prova a pluralidade de referências directas e indirectas⁸ a este texto na literatura Ocidental de vários géneros e de destinatário variado ao nível etário (Beckett, 2002). Também a presença aparentemente ameaçadora do Lobo, figura dominante desde a capa e a contracapa, espaços que constituem uma unidade visual e semântica e na qual a ocorrência dúplice deste elemento se consubstancia a partir da representação, de costas voltadas, do seu corpo e da sua sombra, é, neste texto, alicerçante ao nível diegético⁹. O *topos* da predação ou da antropofagia, a este associado, surge no texto de Matilde Rosa Araújo invertido, no sentido em que, neste caso, não se encena um confronto agressivo entre este animal e a ingénua protagonista feminina. Em contrapartida, operando-se um processo de desmistificação desta personagem-tipo, o que se ensaia, na narrativa em apreço, é uma reconciliação entre ambos: « – O Lobo vem, vem de manso até à Velha adormecida. / E pára, deslumbrado. Os seus olhos são luzeiros de ternura! [...] / A Velha [...] Acorda devagar, olha o Lobo com os seus olhos cansados. / Afaga-o, como se o Lobo fosse um cão. / O Sol acaba de nascer e, em raios antigos bailando, celebra este reencontro. E beija o dedal, seu irmão de luz» (Araújo, 2005: 41-45). Daí que, com Maria do Sameiro Pedro, sejamos levados a acreditar que «essa fraternia conquistada pelo Lobo e pelo Capuchinho Cinzento no ocaso das suas vidas» (Pedro, 2006) é, pois, uma fonte inesgotável de aprendizagem, de revelação¹⁰ e de serenidade.

Retomando, com delicadeza, alguns elementos da narrativa clássica – como as figuras do Capuchinho Vermelho e do Lobo, o espaço físico do bosque ou os tópicos da infância e da desprotecção –, Matilde Rosa Araújo desvenda, assim, uma intensa vida interior, metaforizando a temática da velhice¹¹ e dos diferentes medos que esta encerra. *O Capuchinho Cinzento*, escrita por Matilde Rosa Araújo e ilustrada por André Letria, testemunha, portanto, não só a prevalência na Literatura Portuguesa da história mítica da menina de capuz vermelho, imortalizada por C. Perrault (1697) e, mais tarde, pelos irmãos Grimm (1812), um dos contos mais divulgados e estudados de sempre, mas também o facto de, através da recriação deste famoso texto clássico, se poder concretizar uma «leitura actual das eternas e atemporais preocupações do ser humano» (Perera Santana, 2002: 22). E é por esta razão que «esta história, de claros segredos» (Araújo, 2005: 46),

⁷ Ainda que a impressão dos caracteres ocorra a vermelho, facto determinante para a identificação do hipotexto canónico, a partir da activação do «intertexto leitor» (Mendoza Fillola, 2001).

⁸ A este propósito, vide: SALDANHA, Ana (2002). *O Gorro Vermelho*. Lisboa: Caminho; CÂMARA, Richard (2003). *O Capuchinho Vermelho (na versão que as crianças mais gostam!)*. Lisboa: Edições Polvo; PINA, Manuel António (2005). *História do Capuchinho Vermelho Contada a Crianças e nem por isso*. Público/Fundação de Serralves (ilustrações de Paula Rego). Sobre esta problemática, consulte-se SILVA (2006).

⁹ «E o lobo devagar, devagarinho, chega-se mais à pedra – o Lobo, com botas de espinheiros, os olhos de luzeiros, uma bocarra enorme, mostrando alguns dentes agudos, ameaçadores» (Araújo, 2005: 37).

¹⁰ Note-se a sugestão opositiva desconhecimento ou dúvida vs. revelação, contraponto estabelecido pelo contraste entre o escuro, o sombrio ou o lunar (sugerido pelas palavras e representado visualmente), que domina quase integralmente a narrativa, e a claridade ou o nascimento do Sol, que prevalece no desfecho.

¹¹ Cf., por exemplo, notações textuais relativas à debilidade física: «A velha já vai ficando cansada, as pernas estão fracas /, doridas de tanta idade. [...] / E ali se senta, com custo (ai, como dobrar os joelhos dói!)» (Araújo, 2005: 30 e 32).

que é, enfim e na globalidade, a singular produção literária da «deslumbrada caminheira» (Araújo, 2006: 44) que é Matilde Rosa Araújo, nunca será aprisionada numa cantarinha... porque o que importa, no fim de tudo, é «Saber ler na vida – folhear honestamente a vida / apaixonadamente a vida / [...] Não passar folhas em branco sem as entender», tudo isto sem esquecer que «Só temos uns tantos anos para lermos este livro» (Araújo, 1986: 28), a vida.

Referências bibliográficas

- ▶ ARAÚJO, Matilde (1986). *Voz Nua*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ▶ ARAÚJO, Matilde (1999). *Segredos e Brinquedos*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Maria Keil).
- ▶ ARAÚJO, Matilde (2005). *O Capuchinho Cinzento*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- ▶ ARAÚJO, Matilde (2006). Pelo sonho é que vamos (autobiografia). In *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 928, 26 de Abril-09 de Maio de 2006, p. 44.
- ▶ BECKETT, Sandra L. (2002). *Recycling Red Riding Hood*. Nova Iorque: Routledge
- ▶ BIEDERMANN, Hans (1994). *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Melhoramentos.
- ▶ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.
- ▶ GOMES, José António (1991). *Literatura para Crianças e Jovens. Alguns Percursos*. Lisboa: Caminho.
- ▶ MARTINS, Maria João (2004). Matilde Rosa Araújo – A Poesia da Infância. In *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 877, 12 de Maio de 2004, p. 6.
- ▶ MENDOZA FILLOLA, Antonio (2001). *El Intertexto Lector*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- ▶ PEDRO, Maria do Sameiro (2006). «O Capuchinho Cinzento». In AZEVEDO, Fernando (coord.). *A Criança, a Língua, o Imaginário e o Texto Literário – Centro e margens na literatura para crianças e jovens* (Actas do 2º Congresso Internacional – IEC/UM, 8-10 de Fevereiro). Braga: DCILM-IEC-UM, [8 pp].
- ▶ PERERA SANTANA, Ángeles (2002). «Caperucita Roja en la LIJ contemporánea». In *CLIJ (Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil)*, n.º 151, Julho-Agosto 2002, pp. 15-22.
- ▶ SILVA, Sara Reis da (2006). «O Capuchinho Vermelho revisitado: leituras de *História do Capuchinho Vermelho Contada a Crianças e nem por isso*, de Manuel António Pina». In AZEVEDO, Fernando (coord.) (2006). *Criança, Língua, Imaginário e Texto Literário – Centro e margens na literatura para crianças e jovens* (Actas do 2º Congresso Internacional – 8-10 de Fevereiro de 2006). Braga: Universidade do Minho-Instituto de Estudos da Criança, s/p, [16 pp.].